

HOMERO: EIS A QUESTÃO

Jefferson Silva Costa

RESUMO: Os poemas e textos homéricos carregaram imensa popularidade em toda a antiguidade. Esses poemas transformaram-se em livros e compilações básicas para o ensino de crianças na leitura e na poesia. Pontos de vista religiosos foram sedimentados na sociedade grega através dos poemas de Homero. O estilo literário foi ainda tomando como padrão para toda a composição poética seguinte. É preciso, porém perguntar se esses poemas são mesmo de uma única pessoa, qual a data e como foram produzidos? O presente trabalho analisa duas obras, são elas: a *Ilíada* e *Odisseia*, ambas de autoria do poeta grego Homero. No primeiro poema a *Ilíada* narra a Guerra de Tróia, mostrando sua tomada pelos gregos. E na *Odisseia*, consta o retorno do guerreiro Odisseu (Ulisses) ao seu reino na ilha grega de Ítaca. Essas obras, a *Ilíada* e a *Odisseia*, tanto quanto a própria figura de Homero, levanta calorosas disputas e questionamentos sobre suas origens e existência, comprovando assim, as famosas Questões Homéricas, questões essas que serão nesse trabalho discutidas e analisadas, procurando assim fundamentos e posições de debate.

Palavras-chave: Homero, Questões Homéricas, *Ilíada*, *Odisseia*.

1ª Questão Homérica: Homero existiu ou não?

Na Grécia Antiga, muitos acreditavam que o autor dos poemas *Ilíada* e *Odisseia* fora um poeta cego chamado Homero. Não tinham dúvida sobre sua existência até, talvez, começar a tarefa dos Bibliotecários de Alexandria, passando os Gregos a se empenharem em construir uma biografia para Homero.

Essa construção biográfica foi cheia de lacunas e pressupostos, recorrendo a lendas, tradições e, seguindo o modelo dos autores da época arcaica, entre eles Hesíodo, onde o “eu poético” se fundia e confundia com o autor do texto, passando a poesia grega a refletir um pouco da vida de quem a compunha.

Assim, constituiu-se uma(s) biografia (s) para Homero, onde a conhecemos por um conjunto de textos, os chamados *Vitae Homeri*. Estas *vitae Homeri* foram aparecendo isoladamente até que Antônio Westerman em 1845 as reuniu, permanecendo como única no seu gênero até 1911, quando Thomas W. Allen as publicou numa edição crítica e aumentada das de Westerman. Esta última coleção é composta de dez textos, que recolhem esta tradição biográfica de Homero, a transmitem e a discutem.

Com base nesses textos fundamenta-se essa pesquisa com o intuito de corroborar com a existência de Homero. Quanto dessas informações poderá encerrar algo de histórico, não podemos confirmá-lo.

O primeiro texto é a Biografia de Homero por Proclo, filósofo platônico e chefe da Escola filosófica de Athenas. Esta biografia trata em especial da pátria, estirpe e época do poeta. Para ele, Homero deveria ser considerado cosmopolita por ser tão grande o número de cidades que brigam pelo direito de ser sua pátria. *“E por esta razão afirmam uns ser Homero natural de Colofão; outros, de Quios; outros de Esmirna; outros, de Ios; outros, ainda, de Cime, aliás, cada cidade reclama para si este homem, donde, com justiça, poderia ser chamado de cosmopolita.”* (Proclo, *As Biografias de Homero*, 1974).

Esta biografia é a única que nega que o poeta fosse cego. “Aqueles, porém, que descreve a Homero como sendo cego, me parece privado da razão, pois homem algum jamais viu tanto como ele”. (Proclo, *As Biografias de Homero*, 1974). Também é a única que nega que

Homero e Hesíodo tenham algum parentesco, como afirmavam outros de que eram primos, “[...] estes são inexperientes em matéria de poesia, pois tanto distam aqueles dois poetas no que se refere ao seu parentesco quanto difere a sua poesia. Finalmente, nem pela época coincide um com o outro.” (Proclo, *As Biografias de Homero*, 1974).

Quanto a sua morte, Proclo diz que ele morreu já com a idade avançada, visto que, a perfeição de suas obras evidencia este fato.

O segundo texto é a Biografia de Homero por Heródoto, é a mais detalhada, onde seu principal objetivo é defender Cime (Cidade da Ásia Maior) como sendo a pátria de Homero. No texto é enfatizada a estirpe do poeta, tendo uma moça chamada Cretéida que manteve relações com um homem às escondidas, ficando grávida. O seu pai adotivo então mandou que fosse viver com o povo de Cime entregando-a aos chefes dos colonos. Tempos depois às margens do rio Meles, Cretéida deu à luz a Homero “[...] que não era cego, mas sim enxergava muito bem. E ela pôs ao menino o nome de Melesígenes, tomando este ímpeto do rio”. (Heródoto, *As Biografias de Homero*, 1974). É abordado como o poeta recebeu educação e como adquiriu sua vasta erudição vista nos seus poemas, pois ele tinha dotes naturais que foram acrescentados pelos estudos dados por Fêmio, professor em Esmirma que se casou com Cretéida e tomou Homero como filho, “[...] com o decorrer dos anos tornou-se homem e em nada ficou para trás a Fêmio na prática do ensino.” (Heródoto, *As Biografias de Homero*, 1974).

Tornando essa sua profissão, professor. Herdou a escola depois da morte de Fêmio, sendo ainda mais considerado pelos homens. Nesta mesma cidade conheceu Mentos, um marinheiro, que o persuadiu a vender tudo e a viajar com ele. Foram várias as viagens do poeta, por isso que seus poemas têm descritos muitas cidades diferentes, “E em todos os lugares aonde chegou, procurava conhecer a fundo tudo relativo ao país, examinando e perguntando. Provavelmente anotava tudo por escrito.” (Heródoto, *As Biografias de Homero*, 1974).

Numa dessas viagens, esteve em Ítaca e foi nela que adoeceu dos olhos, ficando lá por algum tempo aos cuidados de Mentor de Ítaca, “[...] de grande fama pelo seu sentimento de justiça e, especial, pela sua hospitalidade”. (Heródoto, *As Biografias de Homero*, 1974), que cuidou constantemente do doente. Heródoto fala do agradecimento do poeta a esses cuidados, quando retratou Mentor na sua obra *Odisseia*, fazendo a deusa Atenas tomar a figura de Mentor quando se apresenta a Telêmaco para conversar: “- *Sou Mentor, rei dos táfios, e me acho a caminho de Chipre com um carregamento de ferro para trocar por cobre. Tive o desejo de abraçar seu pai, que conheço de longa data, mas constato que não está presente. [...]*”.

Foi na cidade de Ítaca também, que obteve informações sobre Ulisses. Mas não foi lá que ficou cego, na opinião do autor desse texto, foi na cidade de Colofão, quando novamente adoeceu dos olhos e ficou cego, dedicando-se a poesia.

Heródoto fala como Homero passou a ser chamado por esse nome, pois de volta a cidade de Cime, participava das reuniões dos velhos recitando suas epopeias e eles tornaram seus admiradores, então fez uma proposta aos conselheiros de lá, que recitaria seus poemas, em troca de sustento. Um dos conselheiros respondeu que se resolvessem sustentar todos os hómoros que aparecesse teriam uma turma de imprestáveis:

“Foi também daqui em diante que o nome Homero predominou sobre o de Melesígenes; e este nome lhe veio da sua desgraça, pois os habitantes de Cime chamam aos cegos de hómoros. E assim lhe ficou o nome de Homero enquanto anteriormente era chamado de Melesígenes.” (Heródoto, As Biografias de Homero, 1974).

Quanto às circunstâncias da sua morte, o poeta afirma apenas que Homero morreu de doença. “Aconteceu que desta fraqueza Homero veio a falecer na ilha de Ios, e não por compreender as palavras dos moços, como acreditam alguns; mas sim de doença” (Heródoto, As Biografias de Homero, 1974), e lá foi sepultado. E a respeito da época em que o poeta viveu o autor diz:

“[...] e neste ano nasceu Homero. Do ano de seu nascimento vão 622 anos até a expedição de Xerxes contra os helenos, quando construiu uma ponte sobre o Helesponto e fez a travessia da Ásia para a Europa. Daí é fácil, para quem quiser examinar, calcular a época baseando-se nos arcontes de Atenas. Homero nasceu 168 anos após a guerra de Tróia.” (Heródoto, As Biografias de Homero, 1974).

O terceiro texto fala sobre o certame de Homero e Hesíodo de autor desconhecido e data dos tempos depois de Adriano. Diz que Hesíodo participou destes jogos fúnebres conquistando a vitória, e a lenda posterior colocou Homero como sendo seu adversário. Contudo este texto tem um devido valor por nos fornecer complementos das outras vitae de Homero.

Nele encontramos uma outra versão por ter recebido este nome, “[...] ficou sendo chamado Homero por ter sido dado pelo seu pai como hómoros aos persas pelos habitantes de Chipre”. (Certame de Homero e Hesíodo, As Biografias de Homero, 1974) confirmando apenas que antes era chamado de Melesígenes como vimos no texto de Heródoto.

Vemos também o que o autor ouviu de Pitonisa a respeito da estirpe do poeta, “*Tu me perguntas a desconhecida estirpe e a terra do imortal sireno. De Ítaca ele é natural; Telêmaco é seu pai e de Nestor filha, Epicaste, a mãe, que gerou o homem mais sábio entre os imortais*”. (Certame de Homero e Hesíodo, As Biografias de Homero, 1974).

Formando assim o autor que devido a isso se deva a glorificação dada pelo poeta a seu avô nos seus poemas.

Vemos lá também a respeito da sua morte, tendo Homero ido de cidade em cidade como rapsodo, chegando a Delfos, e interrogou um oráculo sobre a sua pátria, ouvindo como resposta: “Pátria de tua mãe é a ilha de Ios que na morte te há de receber, mas cuida-te do enigma dos moços”. (Certame de Homero e Hesíodo, As Biografias de Homero, 1974), evitando ir a Ios, só já velho ele navegou até lá, onde morreu e foi sepultado da forma como o oráculo falou.

*“Conta-se que ele, sentado à beira do mar, perguntou a uns moços que voltaram da pesca:
Pescadores, da Arcádia Homens, algo pegamos?
Eles responderam:
O que pegamos, deixamos; o que não pegamos levamos.
Não compreendendo a resposta perguntou-os o queria dizer.
Eles, então, disseram que, na pesca não conseguiram pegar nada; que se puseram, então, a catar piolhos e aqueles piolhos que conseguiram pegar, deixaram-nos lá: mas aos que não pegaram, levaram na sua roupa. Lembrando-se, então Homero do oráculo de que lhe chegara o fim da vida, compôs seu próprio epitáfio. Quando se retirou da praia escorregou num lugar lamacento, caiu sobre o lado e morreu, como se conta, ao terceiro dia. Foi sepultado em Ios. O epitáfio, porém, é este:
Aqui a terra encobre a sagrada cabeça
de quem fama deu aos heróis, do divino Homero.”* (Certame de Homero e Hesíodo, As Biografias de Homero, 1974).

A quarta biografia é Homero por Plutarco é baseada no que disseram Éforo e Aristóteles a respeito do poeta. O primeiro é outro autor que afirma que Cime é a sua pátria e de haver um parentesco entre Homero e Hesíodo, sendo os seus pais irmãos. Homero tem como mãe Cretéida e como pai o próprio tio (Meon), assim sendo filho de um incesto, transparecendo um lado obscuro na vida do poeta.

“[...] Homero natural de Cime diz que Apeles, Meon e Dio eram uns irmãos de família cimense; destes, Dio, por causa de dificuldades, emigrou para Sacar, aldeia da Beócia; casou-se aí com Pilímedes e gerou a Hesíodo. Apeles, ao morrer na sua pátria Cime, deixou uma filha de nome Critéida, tendo, instituindo como tutor dela o

seu irmão Meon. Este violou a antes mencionada e, temendo a acusação de seus concidadãos por causa do acontecido, deu-a em casamento a Fêmio de Esmirna, mestre-escola.” (Plutarco, As Biografias de Homero, 1974).

Aristóteles, no terceiro livro da “Poética”, diz que Homero é filho de uma moça indígena com o gênio do coro das musas, que envergonhada foi para um lugar chamado Egina, onde foi raptada por piratas e dada de presente a Meon, rei dos lídios. Quando Critéida deu à luz a Homero, Meon gostou do menino e criou como se fosse seu próprio filho.

Quanto à época em que viveu Homero o autor diz: “[...] afirmam alguns ter Homero vivido nos tempos da guerra de Tróia e ser dela testemunha ocular; outros, porém, cem anos depois da guerra; outros ainda, cento e cinquenta anos depois.” (Plutarco, As Biografias de Homero, 1974).

As biografias anônimas IV e V limitam-se a referir a diversas opiniões sobre a estirpe e pátria de Homero. Na vitae IV encontra-se as várias cidades que disputam ser a pátria do poeta que já foi visto em outras biografias como também a sua morte adivinhada pelo oráculo, falecendo de tristeza por não conseguir entender o enigma dos jovens pescadores. Na biografia V encontramos passagem de que o poeta foi contemporâneo dos que participaram da expedição à guerra de Tróia, mas o autor diz ser mentiroso por Homero declarar ser muito posterior, ao dizer “Nós escutamos somente a fama; nada pois vimos”. (Vita V, As Biografias de Homero, 1974).

Na biografia anônima VI, encontra-se uma explicação interessante para a cegueira de Homero, “Homero fora ao tumulo de Aquiles, desejando ver o herói assim como saiu para a batalha no brilho da sua segunda armadura; mas quando viu a Aquiles, ficou cego do fulgor das armas. Tétis, porém, e as musas se compadeceram dele, recompensando-o com o dom da poesia.” (Vita VI, As Biografias de Homero, 1974). Outra versão também é que tenha sido pela ira de Helena, que a sua sombra teria pedido que o poeta queimasse seus poemas por ter referido neles que ela tinha abandonado o primeiro marido e acompanhado Paris, e ele não tenha concordado com isso.

O sétimo texto é a biografia VII, por Páfio Alexandre e transcrita por Eustácio. Nela encontramos o Egito como pátria de Homero que na visão de Heinrich Bunse, é “Uma produção típica do período helenístico por querer relacionar o próprio Homero com o Egito”. (Bunse, As Biografias de Homero, 1974).

Na biografia “Homero por Tzetzes”, o oitavo texto de Allen, é o que escreveu Joannes Tzetzes, poeta e gramático bizantino, afirma que o poeta era filho de Cretéida com Meles (o rio). Nascido em Esmirna e contemporâneo a guerra de Tróia “- Tu, porém, fica sabendo ser Homero natural de Esmirna, filho sendo de Meles e da Cretéida; deixo as inúmeras lendas acerca de sua origem”. (Transcrição de ALLEN, W. As Biografias de Homero, 1974).

O nono texto é a biografia de Homero por Eustácio, arcebispo de Tessalônica, erudito e autor bizantino, foi transcrita por Allen. Muito breve, se limita a falar da origem de Homero: “o poeta, escondendo-se e silenciando sobre a sua pessoa e pátria, tornou-se demasiadamente disputado e de muitas pátrias”. (Allen, As Biografias de Homero, 1974).

A última biografia que servirá de subsídio para a tese de que Homero existiu é a feita por Suídas, lexicógrafo bizantino dos meados do séc. X. É a mais extensa depois da de Heródoto. Encontra-se nela uma nova versão para sua cegueira, “quando de Esmirna estavam deliberando, ele, por obra de alguma divindade, levantou a voz e deu conselhos aos que estavam em assembleia a respeito da guerra”. (Suídas, As Biografias de Homero, 1974). Aponta também sobre sua esposa e filhos “Casou Homero em Quios com Aresífone, filha de Gnostor de Cime, e teve dois filhos e uma filha; com esta se casou Eslasino de Chipre. Os filhos chamavam-se Erifon e Teóla”. (Suídas, As Biografias de Homero, 1974). Sobre a sua morte ele reafirma o que já vimos em Heródoto.

Grandes poetas ficam e sobrevivem a todos os espaços. Um homem chamado Homero existiu e sobreviveu a imortalidade de palavras maravilhosas e com grande sentimento poético. De filósofos platônicos ao rigor do padrão eclesiástico da Idade Média não se conseguiu limitar a forma quase mitológica desse homem único, que desenvolveu uma literatura forte e destinada a sobressair ao tempo. Não há unanimidade nem padrões pré-determinados para a conclusão de um Homero real. Mais de filósofos como Proclo até historiadores da Idade Média, passando por nomes conceituados como Aristóteles, sente-se surgir dentro de uma pesquisa mais apurada um homem de carne, osso e uma qualidade poética – além de uma sensibilidade aguçada – única e mortal. Melesígenes era seu nome. Cosmopolita sua nacionalidade. Por trás de crenças, lendas e histórias, Alexandria começa a desvendar um homem que acometido por uma cegueira via (como disse o filósofo) longe. Uma cidade pequena, social e comunitária como Esparta aceitava um único educador para toda a população,

que através de dois textos aprendia as artes. Esse educador, o maior dito por Platão era Homero.

Com base nessas Vitae Homeri vários escritores, historiadores e filósofos buscaram a “lenda” de Homero. Cada um à sua época ponderou de acordo com costumes e padrões vigentes, mas partindo de um denominador comum: Melesígenes, um homem único que acometido por uma cegueira passou a ser chamado de Homero, morrendo velho. Se existisse um grupo chamado Homero existiria igualmente uma biografia desse grupo. Buscariam a glória desse trono e não abdicariam da Ilíada e da Odisseia. O trono do filho de Cretéida. O grupo Homero não existiu e as histórias mirabolantes sobre um Homero filho de um rio ou/e de um gênio do coro das musas vêm dos costumes de quando não se tinha pai, era filho do rio ou de figuras mitológicas. O problema de não se ter ainda muitos fatos concretos que afirmem isso, talvez se deva ao fato de que na época em que ele viveu, ninguém se preocupava em arquivar documentos para a posteridade.

A priori essas Vitae que biografam Homero tornam a elucidação do problema complexo e obscuro. Porém estudadas mais profundamente chega-se à conclusão de que mesmo estranhas e bizarras as Vitae Homeri representam a tradição; uma tradição que substitui fontes perdidas e jamais desvendadas por momentos e informações valiosas de Homero, sendo assim, monta-se que em tempos antigos somente a Ilíada e a Odisseia eram entendidas como escritas por Homero – como no caso de Esparta – esse era lembrado e honrado e essa é a melhor prova de sua existência. Não havia questionamentos entre os gregos da existência de Homero e a vida helênica absolvía tão bem os poemas homéricos que para eles não existia dúvida da vida, pátria e época de um só homem chamado Homero.

“E aí estão, ainda, as canções de Homero. Homero morreu há já duzentos anos, ou mais, e ainda falamos dele como se fosse vivo. Dizemos que Homero regista – não que registou – este e aquele acontecimento. Na realidade, vive muito mais que Agamêmnon e Aquiles, Ajax e Cassandra, Helena e Clitemnestra, e todos os outros acerca dos quais escreveu na sua epopeia sobre a guerra de Tróia. Eles são simples sombras, investidas de substâncias pelas suas canções, as únicas que conservam a força da vida, o poder de tranquilizar, comover ou arrancar lágrimas. Homero existe agora e existirá quando todos os meus contemporâneos estiverem mortos e esquecidos. Já ouvir até profetizar, de modo ímpio, que sobreviverá ao próprio Zeus pai, embora não aos fados.”

R. Graves, 1955. Escritor inglês na voz de uma personagem que imaginava no séc. VII a.C.

2ª Questão Homérica: seriam a “Ilíada” e a “Odisseia” obras de um só poeta?

Desde a Antiguidade, várias teses foram formuladas a respeito da composição e autoria dessas duas obras (ditas) homéricas. A princípio acreditavam-se numa Tese Unitarista, segundo a qual a “Ilíada” e a “Odisseia” eram obras de um só poeta. Esta tese se manteve durante a Antiguidade até os tempos modernos. Frederico Augusto Wolf começa a refutá-la no final do século XVIII. Em seguida, por volta do século II a.C. surge uma segunda tese – a Tese Dualista – formulada pelos chorizontes e que postulava a composição dos dois poemas por dois poetas diferentes. Por fim, a terceira e última tese – a Tese Pluralista – segundo ela, cada uma das obras é fruto de vários poetas, pois seu idealizador, F. A. Wolf, julgava duas impossibilidades do que concerne a composição das obras: a inscrição de poemas tão extensos numa época em que não existia a escrita alfabética e a perfeição dos poemas numa época tão bárbara.

Diante, então, das leituras realizadas para aprofundamento e opiniões de alguns estudiosos famosos, defende-se nessa pesquisa a Tese Unitarista como aquela que apresenta argumentos mais convincentes, vindos dos grandes estudiosos, acerca da questão homérica em discussão.

Esta tese baseia-se na afirmação de Aristóteles, que a Ilíada seria uma obra da juventude de Homero, enquanto a Odisseia teria sido composta na velhice, quando o poeta decidiu redigir a segunda obra como complemento da primeira e ampliação de sua perspectiva. Ambas as obras têm características comuns absolutamente inovadoras, como a visão antropomórfica, dos deuses, a confrontação entre as ideias heroicas e as fraquezas humanas e o desejo de oferecer um reflexo integrador das ideias e valores da emergente sociedade helênica. Esses argumentos, somados à mestria técnica evidente nos dois poemas, favorecem a conclusão de que o autor da Ilíada, esse grande poeta jônico a quem os gregos chamavam de Homero, foi também o autor, ou principal inspirador da Odisseia.

“Por essa mesma causa, creio eu, tendo sido composta a Ilíada no auge da inspiração, ele estruturou de ações e combates todo o seu corpo, enquanto a maior parte da Odisseia é narrativa, como é próprio da velhice. Por isso podemos comparar Homero na Odisseia ao sol no acaso, quando conserva, já não a força, mais a grandeza. Aqui ele já não mantém o vigor dos grandes poemas sobre Tróia, uma elevação uniforme jamais abaixada, nem igual profusão de emoções em fluxo perpétuo, nem uma versatilidade oratória e densa de imaginação realista, mas, à semelhança de quando o Oceano se atrai, acalmado, para dentro dos seus próprios

limites, aparecem então as marés baixas da grandeza e os erros em narrativas inverossímeis. Dizendo isso, não esqueço as tempestades da Odisseia, a passagem do Ciclope e algumas outras, mas falo duma velhice – velhice, embora, de Homero; apenas, em todos esses passos, seguidamente prevalece o fabuloso sobre a real.” (Aristóteles por Jaime Bruna, 1997)

Além das duas obras, a Antiguidade atribuía a Homero outras obras como: Tebaida, os Hinos Homéricos, Batracomiomaquia etc.

Seja como for, é incontestável a contribuição que Homero deu à cultura com suas obras conhecidas e inesquecíveis.

Platão fez o seguinte comentário sobre Homero: “A Odisseia lançou os fundamentos da educação da Grécia”.

Com esse comentário, Platão refere-se a Homero como marco fundamental para a história da educação, especificamente na Grécia (“Homero, o educador de toda a Grécia”, Platão).

Platão vê em Homero, ou melhor, em suas obras, o forte exemplo de educação através dos guerreiros das narrativas. Os indivíduos das classes dominantes são guerreiros na juventude e políticos na velhice, de que é exemplo o velho Nestor, que embora não combata, está sempre presente no campo de batalha, dando conselhos e sendo obedecido (II, VIII, 81). Platão, teorizando sobre isso, projetará uma educação dos guerreiros, para escolher entre estes aqueles que, na velhice, serão os governantes filósofos.

“O pathos heroico de A Ilíada e a ética aristocrática de A Odisseia são imagens ideais da vida, que exercem influência duradoura sobre a realidade grega [...] O instrumento da intenção pedagógica é a criação de exemplos ideais, tirados do mito [...] A presença dos deuses homéricos, que são, por definição, ideais humanos, revela não só a condição humana, mas também a capacidade dos homens de superá-la [...] Os gregos de todos os tempos encontraram em Homero respostas quanto à conduta da vida; o conteúdo e até a arte perderam a importância principal, considerando-se a força superior da tradição ética”. (Otto Maria Carpeaux / v. 1, p. 58-59)

Para Platão, então, a autoria atribuía a Homero das duas grandes obras (“Ilíada” e “Odisseia”), ajudaram-no a formular, a partir dos conceitos implícitos nas narrativas, os princípios lógicos da educação na Grécia.

Um outro ponto é a dúvida que gira em torno da existência ou não da escrita na época da origem das duas obras. Sobre isto, baseando-se em Salvatori D' onofrio, tecem-se o seguinte comentário:

No começo do século passado, o erudito alemão Fr. A. Wolf (Prolegomena a Homero), influenciado pelas ideias românticas sobre o gênio criativo da coletividade nacional e baseado nas constantes repetições e nas aberrantes contradições (os famosos “chochilos” de Homero), que se encontram nas suas epopeias, lança a tese de que os dois poemas atribuídos a Homero não são senão coletâneas de vários contos heroicos, de origem anônima e popular, transmitidos oralmente de geração para geração e redigidos pela sociedade dos “Homeristas”, fundada por Pisístrato de Atenas. O argumento básico é que a escritura não era conhecida na Grécia antes do século VI a.C. A esta tese se opõe, no começo do nosso século, o pensamento dos críticos positivistas que, fundamentados em descobrimentos arqueológicos, demonstraram a existência da escrita na Grécia e na Ásia Menor, antes do século X a.C., atribuindo a autoria de a *Ilíada* e de a *Odisseia* a um único poeta, Homero.

3ª Questão Homérica: quem veio primeiro: *Ilíada* ou *Odisseia*?

As duas obras mais fascinantes da Antiguidade - *Ilíada* e *Odisseia* - que são consideradas como grandes obras publicadas na humanidade, influenciaram a literatura grega e a ocidental, devido ao seu valor estético e aos ensinamentos morais ali presentes.

“Na base da *Ilíada* e da *Odisseia* temos um conhecimento muito concreto, a famosa Guerra de Tróia que os gregos teriam travado contra os habitantes de uma cidade da Ásia no intuito de vingar afronta feita a um de seus reis, o rei Menelau, pelo filho do rei Príamo, que reinava sobre os troianos.” (Claude Mossé, 1984 pg.)

A *Ilíada* se trata de uma guerra travada entre os povos de Tróia e da Grécia, pela posse da esposa do rei de Esparta, Menelau. Helena foi raptada por Páris e, levada para Tróia. A disputa é travada entre Aquiles (aqueu. semideus) e Heitor (troiano, irmão de Páris). Já a

Odisseia, narra a volta de Odisseu (Ulisses) da cidade de Tróia vencida para seu reino em Ítaca.

Alguns estudiosos discordam de que essas duas obras tenham sido escritas por Homero. O alemão Friedrich August Wolff baseado nas repetições e nas contradições presentes nas duas epopeias, afirma que são dois poemas que refinem vários contos heroicos e míticos, de origem anônima e popular, os quais eram transmitidos oralmente, até ser escrito por Homero.

“A Guerra de Tróia deu origem a um ciclo de mitos e lendas. Foi a primeira confederação formada na Grécia para combater estrangeiros.” (História da civilização, 13 cd. revista, 1963).

A questão é que o fundo histórico do ciclo da guerra de Tróia; possivelmente, as duas obras são historicamente baseadas num período homérico, em uma espécie de cujos membros descendiam de um antepassado em comum e que cultivavam um deus protetor.

“Se quisermos compreender a *Ilíada* e a *Odisseia*, teremos de construí-las, isto é, acompanhá-las em seu processo formador, desde a gênese dos primitivos elementos até a síntese final.” (Carlos Alberto Nunes *Ilíada*, 2005).

“No mundo helênico a que se refere à *Ilíada* não aparece circunscrever-se ao de uma época cronológica determinada” (Nova Enciclopédia Barsa, 6 cd. 2002).

Heródoto investigou nas obras homéricas indícios da ordem em que foram escritas, para ele os eventos retratados seguem de acordo com a ordem mais difundida: A *Ilíada*, primeiro e a *Odisseia* mais tarde.

Nas duas obras, Homero narra duas grandes aventuras, uma no plano humano e a outra no plano dos deuses. Por isso, a ordem cronológica dos fatos começa em um e termina no outro. Assim, os teóricos afirmam concordando com o que foi dito por Aristóteles, na questão homérica anterior, que a *Ilíada* fora escrita quando Homero ainda era jovem, pois descreve o calor das paixões, sentimentos próprios da juventude: orgulho, vingança, amor desmedido, a forma do herói Aquiles.

Nela os gregos satisfaziam-se com a crueldade, a ferocidade, a hostilidade e a atrocidade. O italiano G. Vico afirma sua tese completando este pensamento, quando se refere

à Odisseia, porque nela contém descrições sobre os delutes com o luxo de Apolo as delícias de Calipso, com os prazeres de Circe, com os contos das sereias, com os passatempos dos pretendentes e com os assédios a castas mulheres, ou seja, agora a Grécia teria refreado os ânimos com a reflexão e passam a admirar Odisseu (Ulisses) — herói da sapiência. Essas percepções acreditam-se ser própria de quem já viveu muito e aprendeu com experiências passadas como lidar com as imposições da vida, bem como os deuses.

Baseados nesses teóricos citados, conclui-se que surgiu primeiro a *Ilíada* como sendo obra da juventude do poeta, e somente em sua velhice é desenvolvida a obra *Odisseia* com características literárias mais maduras.

4ª Questão Homérica: a *Ilíada* e a *Odisseia* poderiam ser uma junção da tradição da época?

As duas obras analisadas reconstituem a civilização grega com riquezas de detalhes. Na *Ilíada* a narrativa da guerra de Tróia é associada a reflexões sobre a vida do homem e suas relações com os deuses. A *Odisseia* conta as aventuras do herói Ulisses com a sua perspicácia, apesar de percalços em seu caminho durante sua volta para casa.

O alemão Friedrich August Wolff, afirma fundamentado em estudos estilísticos, que a *Ilíada* e a *Odisseia* são de outros poetas. Alguns historiadores acreditam que elas possam ser obras coletivas, ou ainda que Homero tivesse compilado poemas populares.

Entre os gramáticos, Alexandrinos, Zenão e Helênico, consideravam improvável a *Ilíada* e a *Odisseia* terem sido compostas por um mesmo autor, já que a *Odisseia* lhes parecia um ou dois séculos posterior a *Ilíada*, porém, Aristarco contemporâneo de Zenão e Helênico, não acreditava nesta separação, mas supunha que os poemas iniciais foram acrescidos de outros poemas independentes. No caso da *Ilíada* estariam entre os possíveis acréscimos: o duelo entre Menelau e Páris, a gesta de Diomedes, o duelo de Heitor e Ajax, a embaixada a Aquiles, o relato da ira de Meleagro, a descrição da confecção de escudo de Aquiles, entre outros, sendo que estes poemas anônimos teriam sido concatenados a uma *Ilíada*, original proto-*Ilíada*, esta atribuída a Homero.

A *Ilíada* segundo Werner Jaeger, fala de um mundo situado num tempo em que domina exclusivamente o espírito heroico da *Arete* e corporifica este ideal em todos os seus heróis.

Porém, se existe alguma coisa certa sobre a origem da epopeia, seria o fato de que os antigos contos heroicos celebram as lutas e façanhas dos heróis, e que a *Ilíada* teria tirado a sua matéria de canções e tradições desse gênero.

Na *Odisseia* observa-se claramente que as suas descrições não pertencem à tradição dos velhos contos heroicos, mas assentam na observação direta e realista da coisa contemporânea. Esta obra se liga aos próprios heróis e aos seus feitos, não a pacífica descrição dos acontecimentos comuns.

Claude Mossé declara que a falta de coesão aparente da narrativa que a *Ilíada* apresenta, e na justaposição de três histórias diferentes na *Odisseia*, é que, de certa forma, esses dois longos poemas continham efetivamente uma súpula de todo o saber dos gregos.

É necessário citar que no livro *A Ilíada*, adaptado por Nestor de Holanda, consta que “Eruditos modernos suspeitam que os poemas homéricos sejam obras de muitos autores e de várias épocas da história da Grécia, depois da guerra da Tróia”.

Baseando-se nas pesquisas bibliográficas, conclui-se que as obras *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, foram copiladas da tradição oral da época. Os fatos narrados nos poemas dão uma ideia dos acontecimentos ocorridos em um período da Grécia com relatos e feitos heroicos típicos das epopeias e dos épicos. Os dois poemas de Homero, quase que com certeza foram compostos no século VIII a.C. cerca de três séculos após os fatos narrados; originalmente em dialeto jônio, com inúmeros elementos eólios, pertencentes à tradição épica oral. Portanto, as duas primeiras hipóteses levantadas inicialmente nesta quarta questão homérica, foram descartadas como já foi dito nas questões anteriores, aceitando nesta pesquisa que Homero buscou na tradição oral grega subsídio para os poemas *Ilíada* e *Odisseia*.

Conclusão

Diante de todos os fatos expostos, ainda não se pode afirmar, de fato, a comprovação histórica das respostas acerca das Questões Homéricas explanadas diante dos tempos.

Contudo, esse trabalho utilizou argumentos que, baseado em pesquisas científicas bibliográficas, afirma que a *Ilíada* e a *Odisseia* são obras de um mesmo autor, um homem chamado Homero, que coletou histórias da tradição oral antiga, sendo escrito primeiramente a *Ilíada* e posteriormente a *Odisseia*.

Nessa perspectiva torna-se de suma importância perceber e relativizar as “questões homéricas” e notar assim como as obras de Homero refletiu e reflete a antiguidade mais remota da civilização grega – civilização essa que foi pilar para a civilização atual. Desde o século XVI a *Ilíada* e a *Odisseia* são predominantes na cultura literária europeia e sua poesia tem influenciado inúmeros poetas e artistas do Ocidente. O que ali foi narrado é o pilar da demonstração da aventura humana na terra e de como o ser-humano relaciona-se com o divino, fantástico e até com o cotidiano, em seus medos e formas de tentar ser eterno.